

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

KAIO LUCAS DA SILVA ROSA

**POR UMA CRÍTICA AO CAPITALISMO SEGUNDO EXPERIÊNCIAS
SOLIDÁRIAS DE TROCAS**

Varginha-MG, dezembro de 2019

KAIO LUCAS DA SILVA ROSA

**POR UMA CRÍTICA AO CAPITALISMO SEGUNDO EXPERIÊNCIAS
SOLIDÁRIAS DE TROCAS**

Trabalho de Conclusão do Programa Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão apresentado como parte dos requisitos para obtenção do Título de Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Economia pela Universidade Federal de Alfenas/UNIFAL-MG.

Orientador: Prof. Dr. Dimitri Augusto da Cunha Toledo.

Aprovado em: 16 de dezembro de 2019.

Profa. Dra. Ana Carolina Guerra
Universidade Federal de Alfenas

Profa. Dra. Débora Juliene Pereira Lima
Universidade Federal de Alfenas

Prof. Dr. Dimitri Augusto da Cunha Toledo
Universidade Federal de Alfenas

Varginha-MG, dezembro de 2019

Sabemos muito bem onde está o inimigo, quem é o único inimigo verdadeiro. Conhecemos muito bem, conhecemos bem. Contra esse inimigo, tivemos que lutar em condições difíceis, para enfrentá-lo, precisamos da solidariedade e da ajuda de muitos, para derrotar a política agressiva daquele inimigo, para continuar enfrentando-o, precisamos de recursos e de armas. [...]

[O marxismo] é uma doutrina revolucionária e dialética, não uma doutrina filosófica; é um guia para a ação revolucionária, e não um dogma. Fingir enquadrar o marxismo em espécies de catecismos é antimarxista.

A diversidade de situações inevitavelmente traçará o infinito de interpretações. Quem faz as interpretações corretas pode ser chamado de revolucionário; aqueles que fazem interpretações verdadeiras e as aplicam consistentemente terão sucesso; aqueles que estão errados ou não são consistentes com o pensamento revolucionário fracassarão, serão derrotados e até suplantados, porque o marxismo não é uma propriedade privada registrada em um registro; é uma doutrina de revolucionários, escrita por um revolucionário, desenvolvida por outros revolucionários, para revolucionários.

(Discurso de Fidel Castro Cruz no ato de apresentação do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba em 1965).

Sumário

1. Introdução	5
2. Marx e a investigação da mercadoria, fetiche, processo de troca e do dinheiro	6
2. 1. A mercadoria e suas formas valorativas.....	6
2. 2. Fetichismo da mercadoria, o enevoar da matéria	13
2. 3. O processo de trocas, dinheiro como forma de circulação da mercadoria	16
3. Via da crítica: trocas solidárias e clubes de troca, inoportunos à lógica capitalista	18
3. 1. Clube de Trocas da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de Alfenas.....	24
4. Metodologia	27
5. Saída classista: o clube de trocas como fagulha para a labareda socialista.....	28
6. Considerações finais.....	36
6. Referências Bibliográficas	38

Resumo: Situado a estruturas, sistemas econômicos e ainda, ligado a produtos históricos que conformam à realidade, este estudo dedica-se fundamentalmente à oposição ao processo capitalista de produção material. Como objetivo, examinam-se os potenciais e os limites da crítica pelas experiências solidárias de trocas contra três categorias elementares ao sistema capitalista de produção a partir de Marx (2012): a forma valor; a equivalência geral em dinheiro; e o fetiche. Compreendendo, de modo aplicado, os desdobramentos do Clube de Trocas ao âmbito da Universidade Federal de Alfenas. Para tanto, realizou-se este estudo exploratório através da pesquisa bibliográfica, dispondo não de um resultado rígido, mas de elementos conclusivos que apontam as experiências de trocas como capazes de atentarem contra as categorias valor; equivalência geral (pelo dinheiro); e fetiche, fundamentais ao processo capitalista de produção material. Processo esse que a crítica, suas possibilidades e limitações, são fio condutor do que se desenvolve a seguir.

1. Introdução

A apresentação tanto do objeto quanto do contexto deste estudo pode ser situada à maneira com que Karl Marx introduz e encerra o *Livro I* de sua majestosa obra, *O Capital*: de início, a riqueza da sociedade sob a produção capitalista é a acumulação de mercadorias, separada, a mercadoria é a formato elementar dessa riqueza. E finalmente, a produção capitalista realiza a técnica e a junção do processo social e de produção ao passo que consome as fontes elementares de toda a riqueza: a terra e o trabalhador (MARX, 2012). Na produção capitalista, as mercadorias são elementos cruciais à exploração e extração, a circulação dessas mercadorias são engrenagens de um sistema maior, um sistema de operação do capital. No entanto, a noção de que tudo isto está posto imutavelmente é um equívoco, “a estrutura do processo vital da sociedade, isto é, do processo da produção material, só pode desprender-se do véu nebuloso e místico no dia em que for obra de homens livremente associados, submetida a seu controle consciente e planejado.” (MARX, 2012, p. 101). Para tanto é que são pertinentes as formas de crítica ao capitalismo e sua conformação, sendo parte preliminar de uma transição que pode levar ao socialismo e ainda, ao comunismo.

Em meio às profusas críticas anticapitalistas, este estudo pleiteia examinar as potências e os limites da crítica pelas experiências solidárias de trocas contra três categorias elementares ao sistema capitalista de produção a partir de Marx (2012): a forma valor; a equivalência geral em dinheiro; e o fetiche. Em especial, a partir do Clube de Trocas da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de Alfenas. Examinando-se suas interconexões e seus efeitos concretos que modulam à realidade. Não se trata de abranger o programa de transição ao socialismo, distante disso, corresponde a

examinar o exercício de reconsideração de categorias essenciais à conformação do capital e que, potencialmente, podem contra ele vir a se voltar.

Para isso, metodologicamente, este estudo possui objetivo exploratório, sendo realizado através da pesquisa bibliográfica enquanto procedimento. Politicamente, a metodologia possui como predileção o enfoque classista e o empenho em favor do procedimento materialistas analisando os fenômenos, segundo Saes (2019), ligados às estruturas e sistemas aos quais está inserido e realizando uma análise histórica que exige a reconstrução de tipos históricos antecedentes à atualidade que averiguamos. Primordialmente, valoriza-se o modo como “um ‘materialismo combatente’ no campo das ciências humanas, implica a crítica às filosofias idealistas da história e o empenho em praticar regularmente uma análise de conjunto da realidade social.” (SAES, 2009, p. 64).

O texto que segue está estruturado em seções de forma a apresentar, respectivamente, (a) as abordagens teóricas de Marx (2012), a investigação da mercadoria, fetiche, processo de troca e do dinheiro; (b) a via da crítica que se busca, as trocas solidárias e clubes de troca como inoportunos à lógica capitalista; (c) os procedimentos metodológicos empregados; (d) os resultados obtidos segundo a saída classista do clube de trocas como fagulha para uma labareda socialista; e finalmente, (e) as considerações finais.

2. Marx e a investigação da mercadoria, fetiche, processo de troca e do dinheiro

2. 1. A mercadoria e suas formas valorativas

*Abomináveis na grandeza
Os reis da mina e da fornalha
Edificaram a riqueza
Sobre o suor de quem trabalha!
Todo o produto de quem sua
A corja rica o recolheu
Querendo que ela o restituia
O povo quer só o que é seu!*

A Internacional

A princípio, para a compreensão das essências em meio à elaboração teórica que segue, é pertinente trazer à tona a metodologia materialista empregada por Marx a compreender tudo o que existe enquanto tão-somente matéria ou subordinado à matéria. Precisamente, o materialismo histórico, condutor comum dos estudos realizados pelo autor, tem em sua essência o curso geral da história e a luta de classes explicados segundo o

crescimento das forças produtivas (BOTTOMORE et al., 1988). O exame de Marx (2012) decorre, em função disso, da mercadoria enquanto elemento concreto através do qual a acumulação configura à riqueza na época capitalista. A mercadoria desperta apetite, o desejo dá-se em função de suas propriedades que satisfazem as necessidades humanas, não importa a origem, sejam elas oriundas do estômago ou da fantasia, ou a maneira, diretamente, sendo consumida, ou indiretamente, como meio de produção (MARX, 2012).

A mercadoria é dotada de duas distinções imediatamente observáveis, posto o duplo aspecto, qualitativamente, satisfaz às necessidades humanas, e quantitativamente, é objeto capaz de trocar-se com as outras mercadorias, adquirindo-as (CARCANHOLO, 2011). Daqui procede a distinção de grande importância: ser útil segundo suas propriedades materiais inerentes faz da mercadoria valor de uso, trata-se, portanto, do conteúdo material da riqueza independente de sua forma social, da capacidade de cumprir com as necessidades segundo as qualidades das quais a mercadoria é dotada (MARX, 2012). O valor de uso reside na utilidade que possuem as coisas para as pessoas que se servem delas, por sua natureza, o valor de uso não pode ser medido em expressões numéricas e ele preserva orientação subjetiva segundo o sujeito que o utiliza ou pretende utilizar (KONDER, 1999).

A partir desse conteúdo material da mercadoria, ou seja, do seu valor de uso, é possível investigar de que forma esses valores se relacionam e, por meio disso, prosseguir a distinção: o valor de troca manifesta-se à medida em que se estabelece a relação quantitativa entre diferentes valores de uso e à proporção que esses se trocam (MARX, 2012). O valor de troca é objetivo e tornar-se perceptível, objetivamente, nas relações sociais, na troca por meio do processo de compra e venda que só pode ocorrer caso o objeto possua, necessariamente, valor de uso para alguém (KONDER, 1999). Qualquer mercadoria se troca pelas mais variadas proporções: x da mercadoria A, a título de exemplo, é trocada por y de B ou z de C. Já que $x_A = y_B = z_C$, “[...] se deduz, primeiro: os valores de troca vigentes da mesma mercadoria expressam, todos, um significado igual; segundo: o valor de troca só pode ser a maneira de expressar-se, a forma de manifestação de uma substância que dele se pode distinguir.” (MARX, 2012, p. 59).

Para que as expressões x_A , y_B e z_C possam se igualar, todos os seus elementos devem ser reduzíveis a alguma coisa comum, da qual representam certa quantidade maior ou menor. Esse aspecto comum não é (e não pode ser) qualquer propriedade geométrica, física ou química das mercadorias, longe disso, essas propriedades pertencem ao valor de uso, posto de

lado pelo valor de troca das mercadorias (MARX, 2012). Essas categorias, valor de uso e valor de troca são cunhadas pelo trabalho mercantil: o trabalho concreto cria valor de uso, cuja investigação é qualitativa, e o abstrato, cuja investigação é quantitativa, o valor (CARCANHOLHO, 2011). Neste ponto é que se encontra o “pulo do gato¹”, a linguagem equivalente das numerosas mercadorias, numerosas quanto se queria, é um tipo específico de trabalho, o valor é medido pelo tempo de trabalho socialmente necessário à produção, o trabalho abstrato, realizado pela venda da capacidade de trabalho:

Ao desaparecer o caráter útil dos produtos do trabalho, também desaparece o caráter útil dos trabalhos neles corporificados; desvanecem-se, portanto, as diferentes formas de trabalho concreto, elas não mais se distinguem umas das outras, mas reduzem-se, todas, a uma única forma de trabalho, o trabalho humano abstrato [...] um valor de uso ou um bem só possui, portanto, valor, porque nele está corporificado, materializado, trabalho humano abstrato (MARX, 2012, p. 59).

Afirmar que uma mercadoria tem seu valor determinado pela quantidade de trabalho empenhado ou cristalizado nela é, portanto, se referir à quantidade de trabalho para a produção da mercadoria em certo estado da sociedade e em certas condições imediatas de produção, com determinada intensidade social e habilidade média de trabalho. Quando o tear a vapor começou a concorrer com o manual na Inglaterra, o tempo para a produção de determinada quantidade de tecidos reduziu à metade. Era preciso que o tecelão agora trabalhasse 17 ou 18 por dia ao invés das 9 ou 10 horas que antes trabalhava e, ainda assim, o seu trabalho de 20 horas representava 10 horas de trabalho socialmente necessário à produção de tecidos (MARX, 2004). O valor de uma mercadoria varia proporcionalmente em relação à quantidade de trabalho abstrato nela materializado e inversamente proporcional à produtividade do trabalho concreto necessário (BOTTOMORE et al., 1988).

Sob a égide do capitalismo, o valor da mercadoria revela sua forma particular, o caráter social do trabalho pela exploração da força de trabalho social. O valor é uma relação social entre pessoas por meio da qual as mercadorias são trocadas e que adquire forma material específica à sombra do capitalismo e aparece como propriedade dele (BOTTOMORE et al., 1988). É notório que, divergente das variadas configurações corpóreas de valor de uso,

¹“a expressão é usada para se referir a um segredo, truque ou explicação do sucesso ou da solução de alguma coisa. O pulo do gato pode significar alguma ação, característica ou experiência que faz uma pessoa se destacar em meio às outras. Também pode ser uma referência a uma atitude de esperteza, de alguém que encontrou um jeito de escapar de uma situação muito complicada.”. Fonte: EXPRESSÕES Populares: Pulo do gato. **Dicionário Popular**, [S. I.]. Disponível em: <<https://www.dicionariopopular.com/pulo-do-gato/>>. Acesso em: 14 de out. 2019.

as mercadorias possuem a forma comum de valor, a forma dinheiro do valor, cuja essência se buscará a seguir esmaecendo o que impede de alcançá-la.

Elementar, a forma simples, singular ou fortuita do valor (I) é desenvolvida por Marx (2012), x da mercadoria A = y da mercadoria B, compreende dois polos de sua expressão, a forma relativa e a forma equivalente de valor. A e B possuem papéis distintos, A expressa seu valor em B que atua como material para essa expressão de valor. A enquanto mercadoria possui papel ativo, enquanto B, passivo. O valor de A é relativo, ele se encontra como forma relativa de valor, já B tem a função de equivalente. Ambas as formas se pertencem às avessas, inseparáveis, mas se excluem como componentes do valor. Em nota, o comportamento da mercadoria é elucidado pelo reconhecimento do humano como tal. Salvo caso porte, por princípio, um espelho na mão, ou seja ele filósofo fichtiano para quem ‘eu sou’ tudo resolve, o homem se reconhece em outro homem. Pedro, ao observar a materialidade de Paulo, por meio da sua relação com ele, se entende como seu semelhante, a materialidade paulina e seus traços passam a se tornar a forma em que se manifesta o gênero homem. (MARX, 2012). O valor só pode ser manifesto relativamente, ou seja, em outra mercadoria, há aqui uma relação que se organiza a partir de uma referência.

Na relação $x_A = y_B$, B é dotado de função que não corresponde às propriedades de seu valor de uso, nem mesmo ao seu valor, o poder de ser equivalente. B adquire nova forma social, o poder de ser equivalente. Como um todo, a forma equivalente concede ao valor de uso B ser a exteriorização do valor da mercadoria A, ser a representação de valor. (CARCANHOLHO, 2011). O limite dessa primeira forma do valor resolve-se por si mesmo ao passo que evoluiu, conforme Marx (2012), em forma mais completa. A mercadoria aqui denominada A expressa seu valor em mercadorias de outra espécie, sejam B, C, D, e etc.

À medida que estabelece relação de valor com esta ou aquela espécie de mercadoria, A adquire diversas expressões simples de valor. O número das possíveis expressões de valor dessa única mercadoria só é limitado pelo número das mercadorias que lhes são diferentes. Sua expressão singular de valor converte-se numa série de expressões simples de valor, sempre ampliável (MARX, 2012, p. 84).

Contra a fragilidade da forma simples do valor é que irrompe a forma total ou extensiva do valor (II), à qual, delimitando-a em termos, buscamos atingir seu conceito. Z da mercadoria A = u da mercadoria B, ou = v da mercadoria C, w da mercadoria D, x da mercadoria E, ou ainda, = a outras coisas mais. O valor da mercadoria, seja A ou qual for, passa agora a ser expresso em inúmeros outros elementos que compõem o mundo da mercadoria. Isto é, a conformação material, o corpo de qualquer outra mercadoria, se torna o

espelho onde reflete o valor de outra mercadoria, valor esse que se revela aqui como o trabalho humano homogêneo (MARX, 2012).

A forma corpórea assumida pelo trabalho é dispensável nessa análise uma vez que a mercadoria, seja ela A, B, C ou D, por meio da forma extensiva, manifestará seu valor em relação social não apenas com uma mercadoria, em si, isolada de outras espécies de mercadorias, mas como a infinidade de mercadorias. Cada forma natural das mercadorias é, portanto, forma equivalente particular, junto a inúmeras outras (MARX, 2012). Como anteriormente, a insuficiência da forma simples do valor viabiliza, conseqüentemente, a solução. Explicado por Carcanholo (2011), a contradição inerente à forma extensiva de valor inviabiliza a expansão das mercadorias e das relações mercantis, quando a mercadoria A quer se relacionar com outra mercadoria, como a mercadoria B por exemplo, é preciso que B identifique em A valor, seu valor de uso. Objetivando essa troca, o produtor de A pleiteia o valor de uso de B, mas para que a troca ocorra não basta que A seja valor de uso social, não, A precisa ser valor de uso para o possuidor da mercadoria B. A resolução desse impasse é superar o valor de uso presente na mercadoria A por determinadas características a determinados consumidores. A precisa ser convertida em representante social do valor. Em suma: “O produtor de milho, em troca do seu produto, aceita o leite porque sabe que o produtor de trigo (que é a mercadoria que deseja) irá aceitar o leite em troca do seu trigo” (CARCANHOLHO, 2011, p. 58), mas caso o produtor de trigo não aceite o leite esse arranjo de trocas colapsa. Neste ponto surge como saída o equivalente geral.

A forma geral do valor (III) de Marx (2012) é resultante do processo em que o produtor, por exemplo, da mercadoria A, por meio do processo de troca, relaciona essa mercadoria com muitas outras. Nesse processo, inúmeras mercadorias traduzem seus valores em A. Anteriormente, na forma extensiva (II), as mercadorias constituíam a seguinte relação: $zA = uB$ e $zA = vC$ e etc., reciprocamente, $uB = zA$ e $vC = zA$ e etc. Agora, na forma geral do valor, $zA = uB$ e vC e outras inúmeras quantidades e mercadorias, $zA = uB; vC; wD; xE; yF; kG$ e assim por diante. “As mercadorias expressam, agora, seus valores (1) de maneira simples, isto é, numa mesma mercadoria e (2) de igual modo, isto é, na mesma mercadoria é uma forma de valor simples, comum a todas as mercadorias, portanto, geral.” (MARX, 2012, p. 87).

A forma geral do valor faz com que todas as mercadorias expressem valor por meio do mesmo equivalente, e mais, traz à tona o caráter específico do mundo das mercadorias pelo

caráter humano geral do trabalho, os produtos do trabalho são convergidos em mera massa comum do trabalho humano (MARX, 2012). O comportamento é distinto da forma simples já que a configuração presente é de um intercâmbio sistemático e generalizado. Na forma geral, o produtor da mercadoria B a troca por A não pelo seu valor de uso, mas porque A é representante social do valor (CARCANHOLHO, 2011).

Marx (2012) apresenta ainda as características que norteiam a transição da forma geral do valor à forma dinheiro (IV): a forma equivalente geral pode ser entendida enquanto forma de valor, a mercadoria assume a forma de equivalente geral destacando-se como equivalente em relação às demais mercadorias. A mercadoria cuja forma natural se identifica socialmente à forma de equivalente passa a ter papel de mercadoria-dinheiro, opera como dinheiro através de função social específica com posição privilegiada entre as demais mercadorias.

Diferentemente do ocorrido no percurso tortuoso da forma simples (I) à extensiva (II) e da II à geral (III), a transição da forma III à forma dinheiro (IV) possui percurso descomplicado e de fronteira breve, ao invés de A qualquer como equivalente geral, a forma específica do equivalente geral dinheiro pode ser entendida como y onças de ouro ou ainda, x reais = zA ; uB ; vC , wD e outras mercadorias mais. Pelo dinheiro, a forma de equivalente geral se transmuta de uma vez por todas em hábito social, como forma própria de mercadoria (MARX, 2012). “Portanto, o preço (ou melhor, forma-preço) é a forma relativa do valor de uma mercadoria quando o equivalente é o dinheiro.” (CARCANHOLHO, 2011, p. 65).

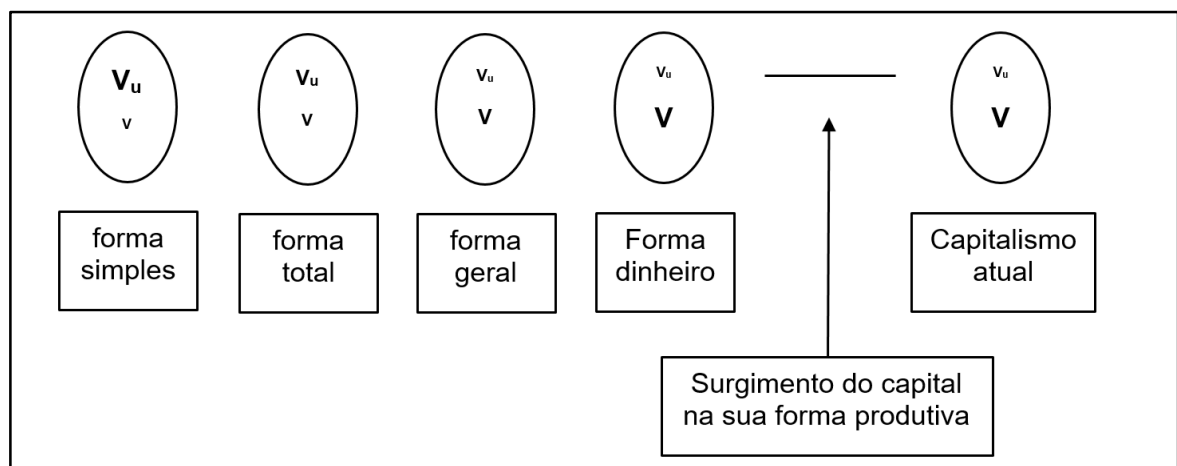
Para Bottomore et al. (1988) o dinheiro é equivalente geral do valor próprio à produção de mercadorias para troca no capitalismo. De início, isso se deve às propriedades naturais, por exemplo, do ouro, para ser mercadoria-dinheiro. Nesse arranjo, a mercadoria xA iguala-se a yB , B mede então o valor de A, a mercadoria A possui valor relativo à B que é equivalente de A. Ampliando-se, a mercadoria A pode se igualar a qualquer outra como se equivalente. Tal forma desenvolvida do valor pode ser invertida para a forma geral equivalente de valor, e assim uma mercadoria passa a medir simultaneamente o valor de todas as outras. O dinheiro possui esse fim, trata-se de um equivalente geral socialmente aceito que é a capacidade de ser equivalente de todas as demais mercadorias que não ele. O dinheiro limita outras possibilidades que não sob sua competência, as trocas diretas não possuem espaço na teoria da economia do dinheiro. Nas palavras de Marx (2012, p. 111): “O dinheiro é um cristal gerado necessariamente pelo processo de troca, e que serve, de fato, para equiparar os diferentes produtos do trabalho e, portanto, para convertê-los em mercadorias”. Em relação

ao papel e às implicações que decorrem do dinheiro na forma singular que é o capitalismo, não é possível desconsiderar a forma como

[...] Marx mostra que o dinheiro, em todos os seus momentos, serve como mediação de uma relação social. Quando funciona como medida de valor, expressa a equivalência do trabalho abstrato socialmente necessário na troca, a relação entre produtores de mercadorias. O dinheiro como meio de circulação permite a validação social dos produtores do trabalho privado. O uso do dinheiro como meio de pagamento serve como mediação na relação entre devedores e credores. O capital-dinheiro expressa o domínio do capitalista sobre a força de trabalho [...] (BOTTOMORE et al., 1988, p. 179).

A expansão mercantil desenvolve a incompatibilidade entre valor e valor de uso. Explicada por Carcanholo (2011), a conformação predominante do polo do valor de uso tem passado ao valor. Na transição das diferentes formas de valor, a forma simples (I), extensiva ou total (II), geral (III) e a forma dinheiro (IV), o valor vai ganhando maior magnitude dentro da unidade dialética de valores, diferente do que ocorre ao valor de uso. Esse processo de “desmaterialização progressiva da riqueza capitalista”, apresentado na Figura 1 a seguir, é avançado na sociedade capitalista e continua em desenvolvimento. Tal processo de contração do valor de uso se manifesta no dinheiro (e depois no capital), o dinheiro é desmaterializado, destituído do seu valor de uso, mas o vendedor de qualquer tipo de mercadoria aceita o dinheiro, equivalente geral, em troca porque o dinheiro é aceito por todos os outros produtores, não porque possui ele valor de uso.

Figura 1 – Desmaterialização progressiva da riqueza capitalista



Fonte: Carcanholo (2011).

Esse processo, ainda segundo Carcanholo (2011), pode ser observado intuitivamente quando extremos são confrontados. Nesse intento, tal qual elucidado na Figura 1 pela diminuição de V_u em vista do crescimento de V , é possível observar que na sociedade pré-mercantil há a forma simples em que o valor quase nada representa (existe como um embrião) e que o intercâmbio é fortuito. A partir do processo de desenvolvimento das formas de valor, em especial da forma dinheiro ao capitalismo atual, separadas pelo surgimento do capital em sua forma produtiva, o valor de uso aparece como dominador em relação ao valor, e o capital se torna produtor de mais-valia, processo fundamental ao capitalismo. V domina o polo em que V_u é mínimo: os objetos são fruto de desejo proporcionalmente ao seu valor, o valor de uso torna-se então quase que ele todo resolvido segundo o valor.

No capitalismo atual desenvolvem-se desdobramentos *sui generis*, uma abstração, algo fantasmagórico, caso assim queira se nomear, mas que produz efeitos concretos, reais e agudos ao ponto de moldar a realidade social. A forma real como os indivíduos trabalham, consomem e orientam as trocas entre trabalho e consumo está sujeita a uma orientação não concreta das mercadorias. Isto é, conforme se vê na próxima seção, o fetiche da mercadoria, que em nada é produto da materialidade da mercadoria, de seu conteúdo ou forma, apesar de imaterial, molda e orienta a materialidade da vida social.

2. 2. Fetichismo da mercadoria, o enevoar da matéria

Nada é impossível de mudar

Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo.

E examinai, sobretudo, o que parece habitual.

Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar.

Bertolt Brecht

Não pormenorizada, “a mercadoria aparece como coisa trivial, imediatamente compreensível. Analisando-a, vê-se que ela é algo muito estranho, cheio de sutilezas metafísicas e argúcias teológicas.” (MARX, 2012, p. 92). E a esse propósito se voltam as elaborações a seguir, avançar além à trivialidade e ao imediatismo das mercadorias e de seu processo de troca. Para Marx (2012) o mistério sobre as mercadorias não é oriundo do seu valor de uso, nem mesmos dos fatores estabelecadores do valor já que: ainda que variados, os trabalhos úteis e as atividades produtivas constituem funções próprias do organismo humano, sendo dispêndio do homem; em relação à magnitude do valor (determinada pela duração da

quantidade de trabalho ou do referido dispêndio) é possível diferenciar a quantidade e a qualidade do trabalho, o tempo de trabalho necessário para a produção dos meios de subsistência interessou aos homens nas mais variadas épocas; e, sendo homens, independente das formas com que trabalhem uns para os outros, o trabalho adquire forma social.

O caráter misterioso da mercadoria é oriundo da forma com que as características sociais do trabalho humano são encobertas enquanto características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho (MARX, 2012); e continua: “por encobrir a relação social entre os trabalhos individuais dos produtores e o trabalho total, ao refleti-la como relação social existente, à margem deles, entre os produtos do seu próprio trabalho” (MARX, 2012, p. 94). Aquilo que há de fantasmagórico, um certo espectro sob as mercadorias, não está, portanto, fundado nas utilidades, no valor de uso, é preciso então avançar a abrangência da análise:

[...] a forma mercadoria e a relação de valor entre os produtos do trabalho, ao qual caracteriza essa forma, nada têm a ver com a natureza física desses produtos nem com as relações materiais dela decorrentes. Uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Para encontrar um símile, temos de recorrer à região nebulosa da crença. Aí os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas que mantêm relações entre si e com seres humanos. É o que ocorre com os produtos da mão humana, no mundo das mercadorias. **Chamo a isso de fetichismo**, que está sempre grudado aos produtos do trabalho, quando são gerados como mercadorias. É inseparável da produção de mercadorias (MARX, 2012, p. 94, grifo nosso).

O fetichismo é, como supracitado, uma síndrome do modo de produção capitalista que confere aos objetos relações sociais dominantes, as quais, por sua vez, são aparentemente intrínsecas e naturais a esses objetos. O Fetichismo elementar é o da mercadoria enquanto portadora de valor (BOTTOMORE, 1988). Ou ainda, “O fetichismo da mercadoria inscreve a imaterialidade como a característica definidora da capitalismo.” (STALLYBRASS, 2008, p. 42). Nessa sociedade, a capitalista, o fetichismo é imprescindível: regula as relações sociais, viabiliza o funcionamento e o controle do processo de distribuição e da apropriação mercadológica (CARCANHOLO, 2011).

Carcanholo (2011) demonstra o que é o fetiche e seu processo de subtração da realidade em função do delírio social. O autor exemplifica: a carranca² é um objeto

² “[...] trata-se de uma escultura, em madeira, na forma de uma figura meio humana, meio animal – cabeça e pescoço – mistura de ferocidade/hilaridade, que antigamente adornava a proa das embarcações do rio São Francisco [...]” (CARCANHOLO, 2011, p. 85).

inanimado, uma escultura de madeira feita por dispêndio de trabalho humano e que nada pode fazer por si mesma, mas à carranca é atribuído o poder de guardar as embarcações e afugentar os perigos dos mares. A carranca é um fetiche, atribuídos poderes à escultura, o ser humano torna-se submisso a ela.

No fetiche há uma dimensão mágica, ele é social mas aparece como natural (CARCANHOLO, 2011). Mas a magia do fetichismo não pode ser entendida como irreal, longe disso, as aparências deturpadoras e mistificadoras da ordem capitalista são reais (BOTTOMORE, 1988). Pela qualidade comum de trabalho humano, os diferentes produtos do trabalho humano como valores são iguados como trabalho humano, o valor transforma assim cada produto do trabalho em um hieróglifo social (MARX, 2012), o que produz efeitos concretos no ordenamento material e social.

Em síntese e apresentando aspectos aos quais não há a intenção de qualificar neste estudo, Carcanholo (2011) apresenta as características gerais inter-relacionadas do fetichismo:

possui a capacidade de relacionar-se com os outros [ou seja, as mercadorias se relacionam entre si]; seus poderes adquiridos e sociais aparecem como derivados de sua própria natureza de coisas; as relações sociais mercantis aparecem como relações entre os fetiches e com os seres humanos; o fetiche passa a ser o senhor, e os homens, seus escravos; não é produto da mente, mas da forma social; o mundo econômico parece, e de fato é, organizado pela lógica do fetiche; as classes subalternas da sociedade conformam-se com sua dominação ao parecer-lhes de ordem natural (p. 95).

Entendido e, em especial, desnaturalizado o fetichismo, os esforços a seguir se voltam a compreender como o dinheiro, enquanto mercadoria e equivalente geral, sob o fetichismo, é dotado de atributo à sociedade capitalista e às suas trocas – ainda que não seja apenas o fetichismo o único elemento suficiente para constituir o capitalismo como tal. A ilusão do fetichismo é originária do ajuntamento de sua propriedade social e material: o valor parece inerente às mercadorias e independe do tipo de coisa, ao cumprir o papel de dinheiro, ela converte-se na verdadeira encarnação do valor (BOTTOMORE, 1988). Posto claro: “o fetiche-deus, no mundo capitalista, é o dinheiro, o dinheiro, como vimos anteriormente, é um fantasma. Cremo-nos livres, mas somos escravos de um fetiche-deus-fantasma” (CARCANHOLO, 2011, p. 88). Submetido ao processo de desenvolvimento dialético, o dinheiro passa da maneira de um fantasma a materializar-se, e vem à tona sua determinação social (CARCANHOLO, 2011). Nas relações de trocas, a mercadoria dinheiro torna-se pré-condição elementar ao passo que, conforme Marx (2012), os agentes que trocam os produtos

interessam-se pela proporção do quanto de mercadoria pode se receber em função sua, pela proporção das trocas.

O fetiche da mercadoria é instaurador de decorrências concretas na sociedade capitalista cuja forma elementar de riqueza é justamente a mercadoria, trata-se, em um exemplo de elementos concretos para explicar o que é teórico ou intangível, do seguinte: nesse contexto, o fetiche é um dos fios que controlam a atuação das marionetes, os diferentes sujeitos consumidores, já os marionetistas, é claro, são a sociedade em sua configuração capitalista, cujo roteiro é rígido e prevalece em todos os atos do dia-a-dia. Em relação ao fetiche e aos seus efeitos, o fato é que “[...] ele não se limitaria a uma mera explicação concernente à produção das mercadorias, pois ele contemplaria ainda um sentido de instrumento de obnubilação das consciências inseridas no *modus vivendi* do capitalismo.” (SILVA, 2013, p. 116).

A mercadoria enquanto forma e expressão da riqueza no capitalismo atual é dotada de duplicidade. Fetichizada, a mercadoria hora aparece tendo a propriedade de ser útil, mas ela é também quantificável. E assim, por ser a alguém útil, sejam por razões das propriedades ou dos simulacros de propriedades, ou seja, da matéria ou da fantasia, e porque podem ser expressas em proporções é que as mercadorias são trocadas entre possuidores e os que desejam tê-lo. Às minúcias desse processo troca é que se volta a próxima seção, buscando indicar quais as motivações para o desenvolvimento das trocas, o ponto de conexão as demais elaborações da teoria de Marx até então empregada e as consequências à sociedade capitalista.

2. 3. O processo de trocas, dinheiro como forma de circulação da mercadoria

O dinheiro é a essência alienada do trabalho e da existência do homem; a essência domina-o e ele adora-a.
Karl Marx

As mercadorias não vão aos mercados serem trocadas porque assim elas mesmas engendram, para que as mercadorias sejam trocadas seus possuidores precisam comportar-se reciprocamente em processo de troca que aliena uma mercadoria para a posse de outra pleiteada. A pré-condição para que uma mercadoria seja submetida à troca é não possuir valor de uso ao seu proprietário, e sim para outros. Ao proprietário é justamente esse o valor de uso da mercadoria, a de ser detentora do valor e mecanismo de troca. Eis a forma com que opera essa lógica: as mercadorias são não valores de uso para os proprietários, ou seja, excessos, e

valor de uso para os que não as possuem, precisam assim realizar trocas segundo um processo social orientado pelos valores (MARX, 2012).

Nesse movimento, Carcanholo (2011) aponta a forma como, uma vez que determinada mercadoria pode medir o seu valor nos valores de uso das demais, todas as demais poderiam também medir seu valor pelo valor de uso dessa certa mercadoria. Reside aqui uma contradição inerente que desdobra no revestimento de algumas mercadorias como parâmetro físico para medida dos valores, o que foi anteriormente apresentado como forma equivalente de valor (III). Ao ser socialmente estabelecida como equivalente geral próprio, a mercadoria que melhor representa o valor de todas as outras passa a se comportar e ser reconhecida como dinheiro. As propriedades que elegem o dinheiro a esse papel são a divisibilidade, a homogeneidade das partes, e a identidade comum dos exemplares da mercadoria dinheiro.

Essa propriedade dispõe o processo de trocas posto que “sendo todas as mercadorias meros equivalentes particulares do dinheiro, e o dinheiro, equivalente universal delas, comportam-se elas em relação ao dinheiro, como mercadorias especiais em relação à mercadoria geral.” (MARX, 2012, p. 114). Com efeito, como valor de uso, tanto particular e geral, o dinheiro mede, portanto, o valor de todas as mercadorias. E mais, o dinheiro como equivalente geral é requisito para o consumo, é ele o passe para o indivíduo compor à sociedade de consumidores.

Bottomore (1988) sintetiza a troca como relação cujo desenvolvimento se dá instantaneamente no capitalismo de modo independente da classe, diferente do que ocorre na produção, todos os indivíduos participam das trocas. E vai ainda ao núcleo: a troca é determinado processo em meio a outro mais amplo, o de circulação do capital. A fórmula geral do capital $D-M-D'$ ³ apresenta que o dinheiro é trocado por mercadorias que geram mais dinheiro, ou seja, mais-valor, mais-valia. Para isso é preciso que a mercadoria adquirida seja capaz de gerar valor maior do que seu valor de custo, trata-se, portanto, da força de trabalho e da sua exploração em contramão do pagamento em dinheiro em meio às relações de produção entre as classes no capitalismo. A ideologia da burguesia é fundamental a naturalização desse processo ao passo que sustenta a liberdade da troca, santifica a propriedade e favorecimento

³ Em Marx (2012), a forma valor; a equivalência geral em dinheiro; e o fetiches são componentes que formulam o processo de extração pelo capital de mais-valia através do trabalho humano, é neste processo que se organiza o capitalismo como tal. Contudo, este estudo abrange diretamente às três categorias anteriormente assinaladas em um processo de crítica preliminar que se pretende, essencialmente, contra a extração de mais-valia como importante fundamento do capitalismo.

peçoal, de forma a ocultar as relações de classes. As mercadorias, dada a conformação capitalista, imediatamente,

encontram a figura do seu valor, pronta e acabada, no corpo de uma mercadoria existente fora delas e ao lado delas. Ouro e Prata já saem das entranhas da terra como encarnação direta de todo o trabalho humano. Daí a magia do dinheiro. Os homens procedem de maneira atomística no processo de produção social e suas relações de produção assumem uma configuração material que não depende do seu controle nem de sua ação consciente individual. Esses fenômenos se manifestam na transformação geral dos produtos do trabalho em mercadorias, transformação que gera mercadoria equivalente universal, o dinheiro. O enigma do fetiche é, assim, nada mais do que o enigma do fetiche mercadoria em forma aparente e deslumbrante (MARX, 2012, p. 94).

Consequentemente, os efeitos são amplos e percorrem todo o tecido social, “ [...] as relações econômicas fetichizadas transferem-se para as relações sociais em geral. Isso é particularmente notável ao nível da ideologia, em que é inconcebível para o espírito burguês ver relações não capitalistas em outros termos que o de salários, lucros e troca de mercadorias. (BOTTOMORE, 1988, p. 612). Mas essa conjuntura, apesar de naturalizada, não é natural, e nesse sentido, pode ser transformada. Outras relações sociais, críticas ao modo de produção e confrontantes à ideologia capitalista, vêm sendo arquitetadas no âmbito dessa sociedade, pleiteando disrupção de seu ordenamento, conforme exemplificado na seção seguinte.

3. Via da crítica: trocas solidárias e clubes de troca, inoportunos à lógica capitalista

O capitalismo contém em si o germe de sua própria destruição.

Karl Marx

O entendimento acerca da forma operante com que o sistema capitalista produz e concentra riquezas é crucial por revelar sua mácula: a desigualdade, e consequentemente, desencadear processos de desnaturalização do ordenamento capitalista que orientam à trajetória da luta anticapitalista. Não se trata de uma profecia ou hipótese, o movimento de economia solidária assim comprova, em certa medida, desde sua concepção até os importantes avanços atingidos. Segundo Singer (2002) um dos principais antecedentes do movimento de economia solidárias se dá nos primórdios do capitalismo industrial, no seio da crise e do desemprego causados pela evolução dos processos tecnológicos de produção e a expulsão de uma grande massa operária, experiências opositoras foram alicerçadas por organizações cooperativas, com notoriedade a Robert Owen e à experiência da Aldeia Cooperativa em New Harmony, no ano de 1825. É preciso abrir parênteses: em relação ao o

programa estruturador para o socialismo, Karl Marx critica essas experiências cunhando-as como socialismo utópico.

Apesar de pleitear novas configurações de trabalho e renda, a economia solidária remota a experiências solidárias preexistentes, quanto à experiência Latino-americana, o desenvolvimento da economia solidária na década de 1980 é fruto, mesmo com distanciamentos, de expressões da solidariedade do continente como as pré-colombianas e os sistemas coletivos assumidos pelos ex-escravizados (GAIGER, 2009). No Brasil, o movimento cooperativista foi influenciado pelos imigrantes europeus durante o começo do século XX e voltou-se à sociedade civil organizada: as organizações não governamentais se ampliaram, grupos oprimidos, alas progressistas da Igreja Católica, sindicatos, universidades e entidades de apoio cumpriram importante papel para a organização e consolidação do programa de economia solidária (SINGER, 2002).

A economia solidária possui sentido polissêmico segundo diferentes acepções com distintos nortes, não é um projeto único, variados também são os objetivos sociais e políticos. A economia solidária constitui um modo de produção distinto, apoiado em princípios como a socialização do capital e o direito à liberdade (SINGER, 2002). E pode ser entendida como “modo de produção, circulação e distribuição dos bens e serviços, baseado no princípio da unidade entre o trabalho cooperativo e a propriedade coletiva dos meios de produção, voltados para à subsistência e reprodução social humana, de forma alternativa ao modo capitalista.” (PITAGUARI; CÂMARA, 2010, p. 37).

Outra conceituação possível é a economia solidária como sendo o conjunto das iniciativas econômicas associativas nas quais (a) o trabalho, (b) a propriedade de seus meios de operação (de produção, de consumo, de crédito etc.), (c) os resultados econômicos do empreendimento, (d) os conhecimentos acerca de seu funcionamento e (e) o poder de decisão sobre as questões a ele referentes são compartilhados por todos aqueles que dele participam diretamente, buscando-se relações de igualdade e de solidariedade entre seus partícipes (CRUZ, 2006, p. 69).

Em meio às iniciativas de economia solidária, que primam pela solidariedade em detrimento do interesse individual e do ganho material, o que é realizado pela socialização dos recursos produtivos e pela incorporação de critérios igualitários (LAVILLE, GAIGER, 2009), encontram-se os clubes de troca (CRUZ, 2006; CÂMARA, 2010; LAVILLE, GAIGER, 2009; MAZZETTO et al., 2010; PITAGUARI; SINGER, 2002).

França Filho (2001) ao apresentar a economia sem dinheiro como uma das práticas pertinentes à economia solidária frisa que essas iniciativas, a princípio locais, buscam se articular em redes territoriais e constroem formas de trocas ou intercâmbios econômicos contrários à lógica hegemônica do mercado e à exclusão social. O autor apresenta as principais variações terminológicas e de concepção do campo, assim sendo, as iniciativas são as de (a) autoprodução coletiva: os sistemas de trocas locais chamados na França de *systemes d'échanges locaux* (SEL), mais conhecidos através das experiências anglo-saxônicas denominadas *Local exchange tradingsystem* (LETS), chamados também de *tauschring* na Alemanha, ou ainda, como *redes de economia local* (REL) na Itália; e (b) as trocas recíprocas de saberes: denominadas na França como *réseaux d'échanges reciproques de savoirs* (RERS). Os dois casos, apresentados em vários termos, podem ser sintetizados ao que é chamado na América Latina de *clubes de troca*.

Em meio às variadas experimentações internacionais, a tentativa de determinar as primeiras experiências dos clubes de troca se volta a um procedimento de aproximação. Para Singer (2002), os clubes de troca tiveram início quase simultaneamente em meados das décadas de 1980 no Canadá, em Vancouver, e na Argentina, em Bernal. Ambas experiências buscam construir alternativas frente ao desemprego e à diminuição da atividade econômica em quadros de crises e recessões econômicas. Apesar da função embrionária, a orientação desenvolvida neste texto é de que as referidas experiências não se circunscrevam limitadamente contra o desemprego, mas, a partir da lógica solidária que nasce em meio ao lapso do capitalismo, possam criticar a lógica do capital e, potencialmente, se tornar um veículo que cative práticas de resistência e organização da classe apartada pelo capital e por sua estrutura produtiva. Com base em Cruz (2006), no âmbito Latino-americano, o processo desenvolvido na Argentina contribui para a investigação dos clubes a devido à quantidade e à qualidade das experiências de trocas que o país abriga.

O contexto argentino marcado pelas dificuldades de produção, estreitamento do mercado, estrangeirização da economia (sujeitada à entrada de dólares para a emissão de pesos), concentração da riqueza e ainda, redução do poder de compra da classe média, é o cenário caótico em que os mecanismos troca são desenvolvidos como alternativa para superá-lo (HINTZE; SABATÉ; CORAGGIO, 2003).

Reconhecido como primeiro clube de troca argentino, o Clube de Bernal contava em seu início, no ano de 1995, com aproximadamente 20 famílias. No final de 1996 havia 17

clubes, com cerca de 1.000 participantes. A crise econômica Argentina ao longo dos anos 1999 a 2002 fez esse número expandir: em 2001 eram cerca de 1800 clubes com 600 mil associados. Já em 2002 o número saltou, 5.000 clubes com cerca de 2, 5 milhões associados. No começo de 2003 esse cenário mudou, em meio à crise arrebatada pelo fim da política de convertibilidade do governo argentino, apenas 10 a 15% do número de clubes e de sócios de 2002 estavam associados à *Red Global de Trueque* – RGT e à *Red de Trueque Solidário* – RTS (CRUZ, 2006).

Nesse cenário, a exemplo do que ocorreu na América Latina, na Argentina, os impactos econômicos dos clubes de troca foram fundamentais, o que fez com que eles atingissem dimensões inéditas, sendo desenvolvidos “*como una forma de asociación libre, altamente consciente de valores y de relaciones solidarias, por medio de la cual se forman comunidades de prosumidores que intercambian sus capacidades bajo la formas de bienes o servicios producidos y consumidos por ellos.*” (HINTZE; SABATÉ; CORAGGIO, 2003, p.19). Desde o ano de 1998, essas experiências se ampliaram em diferentes medidas: no Uruguai, Brasil, Equador, Peru, colômbia, Bolívia, Chile, como ainda, Honduras, El Salvador, México e outros mais. É fundada a Rede Latino-americana de Sócio-economia Solidária (REDLASES) buscando desenvolver o sistema de trocas junto às economias solidárias e populares (ARKEL et al., 2002).

No Brasil, um dos primeiros clubes de troca– se não o primeiro, reconhecido como tal – foi inaugurado no ano de 1998 em São Paulo, bairro de Santa Terezinha, Santo Amaro. Inicialmente, o clube operava sob inspiração da iniciativa francesa de trocas de saber e posteriormente, inspirou-se no modelo argentino de trocas de bens e serviços (CARNEIRO; BEZ, 2011). Recorrentes e presentes em distintas localidades, em seu funcionamento, os clubes de troca possuem aspectos semelhantes: em alguns casos, para Singer (2002), unem pessoas que estão à margem do modo de produção capitalista, e buscam criar práticas que criem rupturas com esse processo, podendo oferecer bens ou serviços a pessoas que necessitam adquirir bens e serviços, mas estão impedidos de fazê-lo já que, antes de comprar torna preciso vender para assim conseguir equivalente para as trocas. A ausência de dinheiro, nessa realidade, inibe a divisão social do trabalho, como em casos de perdas de empregos expressivas. De modo semelhante, os clubes de trocas reúnem pessoas que possuem identificação ideológica. Os relatos dos participantes da Rede Pinhão de Clubes de Troca, composta por diversos grupos de Curitiba e região, por exemplo, destaca aspectos no clube como partilha; respeito; fraternidade; amizade; união; e esperança (CARNEIRO; BEZ, 2011).

Há clubes de troca que criam uma moeda própria cuja denominação geralmente exprime uma orientação ideológica (SINGER, 2002). Assim sendo “um grupo de indivíduos se reúne para realizar intercâmbios sócio-econômicos multi-recíprocos. Para facilitar estes intercâmbios um meio é introduzido. [...] Na Argentina, o nome mais usado é crédito; na Bolívia, talentos; em Florianópolis, *ecosoles*.” (ARKEL et al., 2002, p. 65). Em determinados clubes, também segundo determinadas práticas democráticas e participativas, os clubes estabelecem um voto por cabeça, escolhem seus dirigentes, estabelecem a taxa de câmbio de sua moeda em relação a do país, o montante total de emissões e a repartição igual da moeda entre os participantes. Segundo o que tais clubes desenvolvem – e existem numerosos variações –, o primeiro efeito atingido é a forma com que, pela organização coletiva, a moeda do clube permite que as trocas sejam viabilizadas e a economia local revitalizada (SINGER, 2002).

O funcionamento dos clubes de trocas se dá pela promoção de reuniões e feiras de trocas periódicas. Cada participante apresenta aos demais o que foi levado para as trocas e a demanda que possui, após o conhecimento geral das possibilidades de trocas elas são, em certos casos, realizadas por meio da moeda do clube (SINGER, 2002) quando empregada. “Os clubes de troca ajudam as pessoas a enfrentarem o medo de trocar, o medo de abrir mão do que têm. Seja objetos, seja sentimentos, seja saberes. Aprende-se que, quanto mais a gente reparte, mais a gente recebe. É preciso que a janela se abra para que a claridade possa entrar.”(CARNEIRO; BEZ, 2011, p. 15). O mercado antes apenas potencial é desenvolvido através das trocas solidárias. As contribuições econômicas se dão ao passo que todos os que se encontravam em situação ociosa passam a trabalhar, os carentes passam a satisfazer suas necessidades. Mas não só, culturalmente há também vantagens, além do que o clube favorece novos contatos, novas amizades, o estreitamento de laços e trocas não-econômicas, como as afetivas (SINGER, 2002).

Os clubes de troca são alternativas autogeridas, os referidos clubes, de acordo com Arkel et al. (2002, p. 66): “formam um dos movimentos sociais mais energéticos [...]: implicam muitas pessoas, sem ter uma base geral claramente definida, sem ter fundos ou subsídios, e sem ter uma organização centralizada. Mais que um movimento, é uma dinâmica viva e flexível.” Os clubes de troca são, conforme demonstrado, originários da articulação de setores excluídos da dinâmica de produção capitalista, mas assim não se restringem. Por meio dessa lacuna no capitalismo, alternativas organizadas segundo a lógica da economia solidária

podem gerar elementos para a crítica dos moldes convencionais circunscritos à acumulação das riquezas.

Este campo da economia solidária apresenta, assim, uma característica fundamental em relação aos demais, referindo-se ao papel decisivo do polo não monetário. Em grande parte dos casos, a expressão mais afirmada de uma lógica reciprocitária nestas experiências não parece significar sua assimilação a uma espécie de revivescência de formas antigas de solidariedade comunitária. Isto posto em razão do seu caráter democrático e da sua inscrição no espaço público (HINTZE; SABATÉ; CORAGGIO, 2003, p. 261).

Em meio a outras possibilidades, institucionalmente, alguns clubes e redes de trocas contam com apoio e orientação ou são executados por parte de programas e projetos promotores da economia solidária, como as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares – ITCPs. Que, de acordo com Singer (2002) são, multidisciplinarmente, compostas por docentes, discentes e demais funcionários, atendem grupos comunitários que pleiteiam trabalhar e produzir de forma associada, dando-lhes formação em economia solidária e cooperativismo, como também apoio técnico e assessoramento. As ITCPs são, desta maneira,

[...] agentes de um processo educativo para a cooperação e a autogestão, constituindo-se como projetos, programas ou órgãos das Universidades com a finalidade de dar suporte à formação e ao desenvolvimento de Cooperativas Populares e da Economia Solidária. As incubadoras buscam articular multidisciplinarmente áreas de conhecimento de universidades brasileiras com grupos populares no intuito de gerar trabalho e renda (ESTATUTO DA REDE DE ITCPs, ART 2 apud GUERRA, 2008, p. 14).

Em meios às ITCPs presentes por todo o Brasil, o programa de extensão universitária Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de Alfenas – ITCP/UNIFAL-MG atua desde o ano 2010 em municípios do sul de Minas Gerais em favor da promoção da economia solidária. O programa conta com uma equipe multidisciplinar de docentes e discentes do Instituto de Ciência Sociais aplicadas, os quais são organizados autogestionariamente e atuam de forma dialógica, ao passo que formam e são formados a partir de uma metodologia de trabalho própria de incubação de associações e cooperativas que se baseia na educação popular freiriana e nos princípios da economia solidária: entre os quais, a solidariedade, autogestão e o cooperativismo.

Os projetos e atividades da ITCP/UNIFAL-MG contemplam o tripé ensino-pesquisa-extensão. Os grupos de estudos, cursos de formação e demais espaços formativos dão solidez teórico-metodológica para atuação dos membros do programa, conectando-se a economia

solidária enquanto campo de conhecimento e movimento de atuação. As pesquisas permitem a geração de investigações e contribuições, artigos, monografias e dissertações compõem produções acadêmicas. Por fim, por meio da extensão são realizados os projetos de incubação a empreendimentos de economia solidária; o evento Encontro de Economia Solidária, Trabalho e Lutas sociais, que caminha para sua terceira edição; e ainda, objeto fundamental deste estudo, o projeto de extensão Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG, conforme descrito na seção a seguir, que se ocupa ao referido clube e expõe sua metodologia e suas execuções.

3. 1. Clube de Trocas da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de Alfenas

No capitalismo que vivemos hoje em dia esses projetos solidários ficarão cada vez mais raros, então creio que esse Clube de Trocas revela ainda a pureza do ser, quebrando esse estigma de que o dinheiro é o mais importante.

Relato de um participante do Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG

O Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG, projeto de extensão vinculado à ITCP/UNIFAL-MG, foi iniciado no ano de 2011 buscando, sobretudo, o estabelecimento de relações de trocas solidárias no ambiente acadêmico (PINHEIRO et al., 2014). Pleiteia-se, sob uma experiência autogestionária, horizontalizada e solidária a prática antagônica às lógicas de consumo e interação social vigentes, o que é construído coletivamente dentro do espaço do Clube de Trocas no qual todas as partes envolvidas são basilares (MARTINS; ROSA; PINHEIRO, 2018) para o processo de co-experimentação e co-construção.

Em relação ao seu desenvolvimento, o Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG conta com uma metodologia desenvolvida ao longo de suas edições e que encontra em constante aprimoramento já que não busca ser um procedimento rígido, mas sim adaptável buscando contribuir com os fins do Clube de Trocas. Rosa et al. (2019) apresenta os principais procedimentos em meio a esse desenvolvimento. Ocorre previamente a preparação da equipe de discentes vinculados ao Clube de Trocas enquanto projeto de extensão. O processo de formação científica e interpessoal dos membros da ITCP/UNIFAL-MG vale-se da fundamentação teórico-metodológica através de grupos de estudo e cursos de formação em relação a temáticas da economia solidária, como seus princípios; extensão universitária; consumo solidário; consumo consciente; clubes de troca; cultura; e outras mais, eventos

formativos realizados pelo programa ao qual o Clube de Trocas está vinculado, a ITCP/UNIFAL-MG.

O ambiente é disposto de modo a propiciar participação, conforme a Figura 1 abaixo demonstra, as cadeiras são colocadas uma ao lado da outra formando semicírculo; na parte reta do semicírculo é geralmente montado um palco para as atrações culturais; e são colocadas mesas para acomodação dos objetos levados para trocas no centro do semicírculo formado pelas cadeiras.

Figura 1 – Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG realizado em 18/04/2018



Fonte: arquivo da ITCP/UNIFAL-MG.

Após os participantes do Clube de Trocas se acomodarem, é reservado breve período para interação, buscando romper com a inibição e a impessoalidade das relações. Os membros da ITCP/UNIFAL-MG dão boas-vindas, e criando um ambiente acolhedor, são transmitidos dialogicamente os princípios metodológicos e científicos fundamentais, tanto a respeito da economia solidária; seus princípios; do processo de trabalho concreto e abstrato; de venda da capacidade de trabalho; e em especial, dos Clubes de Troca enquanto iniciativas pertencentes à economia solidária com implicações nas relações sociais e de consumo. É compartilhada também a forma livre com que as trocas são realizadas no Clube. Viabilizada a socialização e integração, os participantes são convidados a se apresentarem, falarem sobre si e sobre o que foi levado para troca, sejam objetos, serviços, saberes e outras possibilidades mais (ROSA et al., 2019).

Posteriormente, o processo de trocas é iniciado: as trocas são realizadas diretamente entre os participantes, sem o emprego de nenhum equivalente monetário. Cada participante vai até o outro com o qual deseja realizar a troca e busca concretizá-la, esse processo de contato, diálogo e concordância ou não é fundamental. As trocas, como um todo, remetem a noções da economia solidária, se dão de modo autogestionário, cooperado e solidário, permitindo a socialização e o crescimento coletivo, possibilitando o estabelecimento de relações de consumo conforme outra epistemologia, segundo o que não é convencionalmente praticado na sociedade capitalista (ROSA et al., 2019).

As edições do Clube de Trocas buscam democratizar o acesso à cultura segundo seus valores de uso em detrimento de seus valores de troca, trata-se de uma orientação política, discorde à constante mercantilização cultural. Nesse intento, expõe Rosa et al. (2019) que durante os clubes ocorrem atrações como as mais diversificadas apresentações musicais; oficinas de dança; apresentações de grupos de dança; declamações; varais literários; palcos abertos e murais para expressão pessoal, além de outras. Tudo isso sinaliza o modo com que os clubes criam alternativas para o acesso à cultura a partir de vieses populares.

As edições do Clube de Trocas são encerradas após a constatação que o processo de troca está saturado, a conclusão do Clube ocorre, quando oportuno, com a reflexão em relação a tudo que foi realizado. Durante o processo de construção compartilhada procura-se que os participantes compartilhem conhecimentos, experiências e demais aprendizados adquiridos a respeito da formação vivenciada. O objetivo é estimular os participantes a retornarem em edições futuras do Clube e expandir o que foi experienciado, ansiando, em instância mais ampla, modificar a realidade vigente, mesmo que com intervenções pontuais (ROSA et al., 2019).

O levantamento relativo a 9 anos de desenvolvimento do projeto Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG expõe seus impactos e a robustez que vem sendo estabelecida. Em 2011, seu primeiro ano de realização, o Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG contou com 7 edições no *campus* Varginha da Universidade Federal de Alfenas, alcançando 118⁴ pessoas. Em 2012, foram realizadas 4 edições, com 89 participantes. Em 2013 foram realizadas 6 edições, cujo público atingido foi de 100 pessoas. Já no ano de 2014 houveram 6

⁴ O número de participantes das edições do Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG foi obtido segundo o registro do número de assinaturas nas listas de presenças de cada edição. Apesar de bastante próximo, esse dado não reflete exatamente o número que participantes, que eventualmente pode ser maior que o número de assinantes da lista de presença como podem ter sido computadas assinaturas repetidas de participantes de mais de uma edição do clube.

edições, atingindo 139 pessoas. Em 2015 foram realizadas 5 edições, a edição de setembro foi realizada na “Praça do ET” no centro da cidade de Varginha-MG, contando ao todo com 161 participantes. No ano de 2016, em virtude de empecilhos institucionais controversos e dos movimentos nacionais de paralisação contra a PEC 241, a realização do clube foi inviabilizada. No ano de 2017 foram realizadas 2 edições, contando com 66 pessoas.

Em 2018 aconteceram 4 edições, sendo a de junho temática, com atrações e pratos típicos durante o café junino solidário; a edição de novembro ocorreu em meio à programação do II Encontro de Economia Solidária, Trabalho e Lutas Sociais; em agosto, o Clube de Trocas foi realizado no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais em seu *campus* Varginha, durante o 8º Festival de Arte e Cultura. As edições do clube alcançaram ao todo 110 participantes. Finalmente, até o momento, no ano de 2019 ocorreram 5 edições do Clube, todas as edições foram temáticas, de boas-vindas aos alunos ingressantes à universidade; defesa da educação frente aos ataques do governo, realizada no centro de Varginha-MG; novamente, boas-vindas aos alunos ingressantes à universidade; durante a Semana de Valorização da vida no setembro amarelo; e na Semana da Consciência Negra. Foram alcançados 142 participantes.

Ao todo, o projeto Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG foi desenvolvido por meio de 39 edições, as quais compreenderam um total aproximado de 925 participantes, números esses que pretendem ser ampliados pela continuidade e pelo aprimoramento do projeto. Por fim, o percurso que traz até a presente fase de abordagem será conectado adiante, a próxima seção, enquanto extrato de confluência, tem como propósito explorar em que medida a teoria de Marx (2012) percorrida da mercadoria ao fetiche, e processo de troca e ao dinheiro, se comunica às trocas solidárias que norteiam os clubes de troca.

4. Metodologia

Um “materialismo de combate”, no campo das ciências humanas, implica a crítica às filosofias idealistas da história e o empenho em praticar regularmente uma análise de conjunto da realidade social.
Décio Azevedo Marques de Saes

Metodologicamente, a partir do objetivo geral do presente estudo é possível classificá-lo em relação ao seu marco teórico como exploratório, o fundamento para essa afirmação é encontrado no modo com que, de acordo com as pesquisas exploratórias, este estudo se volta a “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou

a constituir hipóteses” (GIL, 2002, p. 41). De acordo com seu modelo operativo, a pesquisa bibliográfica foi empregada enquanto procedimento porque, segundo Gil (2002) é desenvolvida a partir de material já elaborado, além do que, permite “a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.” (GIL, 2002, p. 41).

Ao engendrar este estudo pelo marxismo, é uma coerência metodológica haver-se do enfoque classista, mas não somente, corresponde à predileção ao materialismo como metodologia em prejuízo de tendências idealistas ao passo que o materialismo liga os fenômenos reais às classes sociais (SAES, 2019). Trata-se, para todos os efeitos, de simetria ao objeto de análise deste estudo já que a concepção materialista da historia

parte da tese de que a produção, e com ela a troca dos produtos, é a base de toda a ordem social; de que em todas as sociedades que desfilam pela história, a distribuição dos produtos, e juntamente com ela a divisão social dos homens em classes ou camadas, é determinada pelo que a sociedade produz e como produz o pelo modo de trocar os seus produtos. De conformidade com isso, as causas profundas de todas as transformações sociais e de todas as revoluções políticas não devem ser procuradas nas cabeças dos homens nem na ideia que eles façam da verdade eterna ou da eterna justiça, mas nas transformações operadas no modo de produção e de troca [...] (ENGELS, 1984, p. 54).

O bom emprego do materialismo histórico exige a totalização horizontal e combate à fragmentação, ou seja, a análise do fenômeno, seja ele qual for, atrela-se a padrões - estruturas e instâncias - próprios ao sistema social global em que está inserido, estrutura econômica, estrutura jurídico-política, instância cultural e demais (SAES, 2019). A utilização do materialismo histórico implica ainda uma totalização vertical: “a análise marxista de uma sociedade global concreta implica a reconstrução de sua curva evolutiva. A análise dos tipos históricos que precederam o tipo atual permite estabelecer as condições específicas em que se reproduz e se desenvolve a sociedade do presente.” (SAES, 2019, p. 64-65). Esses procedimentos são o método que dá caráter científico às investigações deste estudo e permite, em especial, a alcance do que foi elaborado na próxima seção.

5. Saída classista: o clube de trocas como fagulha para a labareda socialista

Existe uma coisa mais poderosa que todos os exércitos: uma ideia cujo tempo é chegado.

Victor Hugo

É preciso, antes do que segue, retomar ao ponto antes sinalizado. O como e o porque da ruptura com o modelo de produção capitalista não é único, são na verdade, muitos. As

epistemologias e as antologias são profusas, essa ruptura é um campo de disputa, o movimento de economia solidária integra, em certa medida, a disputa. As experiências cooperativas – que exemplificam o que ocorreu com muitos empreendimentos da economia solidária, como os clubes de troca – foram, ao longo da história, razão de dissenso, segundo abordado *en passant*: alguns atribuíram a determinados projetos como às cooperativas potência mais estreita e outros mais a quem do socialismo. A polêmica divergente em relação ao programa para o socialismo põe de um lado os socialistas utópicos, e de outro, os socialistas científicos.

Owen e Fourier foram, ao lado de Saint-Simon, os clássicos do Socialismo Utópico. O primeiro foi, além disso, grande protagonista dos movimentos sociais e políticos na Grã-Bretanha nas décadas iniciais do século XIX. O cooperativismo recebeu deles inspiração fundamental, a partir da qual os praticantes da economia solidária foram abrindo seus próprios caminhos, pelo único método disponível no laboratório da história: o da tentativa e erro (SINGER, 2002, p. 38).

Segundo Engels (1984), as doutrinas fundadoras do socialismo e suas teorias incipientes “[...] não fazem mais do que refletir o estado incipiente da produção capitalista, a incipiente condição de classe. Pretendia-se tirar da cabeça a solução dos problemas sociais, latentes ainda nas condições econômicas pouco desenvolvidas da época.” (ENGELS, 1984, p. 35). Ainda que seu programa para o socialismo fosse mais amplo que essas iniciativas, Marx valorizou as cooperativas em alguma medida. Conforme Zaar (2013), durante o encontro da Associação Internacional de Trabalhadores, em Londres, 1864, o documento do encontro reconheceu o valor deste movimento e frisou a importância das cooperativas de produção. E tanto o Congresso Internacional, em Genebra, 1866, quanto o Congresso de Lausana, Suíça, 1867, estabeleceram o papel desempenhado pelas cooperativas de produção aliviando as condições, tanto de vida, quanto de trabalho dos operários industriais. Nesse sentido, escreve: “no que diz respeito às atuais sociedades cooperativas, elas só têm valor na medida em que são criações dos trabalhadores e independentes, não sendo protegidas nem pelos governos nem pelos burgueses.” (MARX, 2012, p. 41).

Enquanto isso, Lenin (1980) avalia criticamente a concepção daqueles por ele denominados velhos cooperadores, voltando sua apreciação em especial à figura de Rober Owen, a tese defendida é de que há um caráter fantástico e romântico nos planos desse grupo, que sonhava com a transformação pacífica da sociedade ao socialismo sem levar em conta a luta de classes e o domínio do poder político pela classe operária. Segundo Lenin (1980), em vista disso, pela cooperativização é possível transformar o conflito, os inimigos de classe

podem se tornar colaboradores e, e com isso, a guerra de classe acabar em paz civil. Nessa crítica, com o poder do Estado nas mãos dos operários, salvo exceções, a expansão da cooperação se identifica com o crescimento do socialismo.

Conjuntamente, os que atribuíam ao cooperativismo a capacidade de mudar o mundo cometeram um equívoco, ao passo que os defensores das cooperativas como desprovidas de propósito ante o capitalismo também se equivocaram. Na América Latina o associativismo econômico ressurgiu pujante, com impactos políticos e sociais, realocando ao final do século XX a investigação das possibilidades das ações associativas em relação ao capitalismo (CRUZ, 2006). Foi preciso que essa questão viesse à tona para logo afastar-se, outra vez: são muitas as concepções e caminhos ao socialismo, a abordagem deste estudo não se atém propriamente ao processo de transição ao socialismo, não, é preliminar, trata do primórdio e dos rudimentos, do ponto comum, estabelecer pelo clube de trocas a crítica ao capitalismo.

Nessa perspectiva de crítica é crucial a oposição de classes, uma estrutura da sociedade capitalista que antagoniza grupos sociais. As classes podem ser entendidas à medida que há a conformação estruturante de

milhões de famílias existindo sob as mesmas condições econômicas que separam o seu modo de vida, os seus interesses e a sua cultura do modo de vida, dos interesses e da cultura das demais classes, contrapondo-se a elas como inimigas, formam uma classe. Mas na medida em que existe um vínculo apenas local entre os parceiros, na medida em que a identidade dos seus interesses não gera entre eles nenhum fator comum, nenhuma união nacional e nenhuma organização política, eles não constituem classe nenhuma. Por conseguinte, são incapazes de fazer valer os interesses da sua classe no seu próprio nome, [...] necessitando, portanto, ser representados. (MARX, 2011, p. 142-143).

A existência de classes pressupõe necessariamente a existência conflitual, a oposição antagônica de classes. Há duas grandes classes e frações dessas classes sociais: o operariado, pequena burguesia, campesinato e as classes médias, é preciso verificar, nesse sentido, a multipolarização de classes, cujos conflitos sociais são exteriorizações das contradições estruturais. O proletariado, segundo essa perspectiva, é inerentemente revolucionário, é preciso avançar: a reificação das relações sociais ocorre no sistema de produção capitalista, processo ao qual, *o capital*, em confronto, evidencia (GALVÃO, 2011). A referida lógica se associa ao procedimento crucial do presente estudo, repensar elementos, desnudar noções fundantes do capitalismo segundo uma opção classista produzida por Marx (2011) em *o Capital*.

Efetivado o preâmbulo anterior, é possível compenetrar à crítica construída. A esse intento é admissível uma metáfora: o capitalismo, enquanto estrutura, constitui um corpo a partir de pequenas construções, é como a malha de tricô que se constrói pelo entrelaçamento de diversos fios. Aqui reside a forma com que este estudo atenta contra o capitalismo, sendo o capitalismo, metaforicamente, uma malha de tricô, busca-se desmanchar três pontos dados dessa malha: o valor; a equivalência geral (o dinheiro); e o fetiche. Desmanchando, portanto, a estrutura tecida da malha, fazendo escapar fios por meio dos quais se pode destruir a malha e desconfigurá-la. Ou seja, a crítica, o desatamento do nó, pode levar às últimas consequências, desmantelar arranjos do capitalismo. É preciso abordar algo relevantíssimo e necessário: trata-se, conforme sinalizado, de uma crítica primária, que em seguida poderá, isto é, precisará abranger mais diretamente categorias indissociáveis do capitalismo, como é a mais-valia. Seguidamente, a crítica se manifesta, atenta-se contra o capitalismo através de parte de sua conformação e alguns de seus subsídios.

Retoma-se: ainda que numerosos e dificilmente generalizáveis, em sua origem, os clubes de troca se desprendem do *modos operandi* da sociedade perpetuada pela produção capitalista, na qual, a riqueza consiste no acúmulo de mercadorias (MARX, 2012). Isso porque os clubes de troca se engendram justamente nos momentos de lapso e crise desse sistema de produção-mercadoria-acumulação (SINGER, 2002; HINTZE; SABATÉ; CORAGGIO, 2003) e buscam pela troca solidária superá-lo. Trata-se de ir ao traço capitalista: a miséria frente um sistema de consumo organizado pelo monopólio dos meios de produção e do meio de troca, o dinheiro, a exploração, e a partir disso conceber uma alternativa combatente.

Como visto, sob o preceito imperante de trocas, o valor de troca aparece à medida em que se relaciona quantitativa entre diferentes valores de uso e à proporção que esses se trocam (MARX, 2012). Há assim uma espécie de linguagem, o valor de troca é expressão do valor. Ocorre que a utilidade, a qualidade para cumprir com uma necessidade humana, no capitalismo, no algoritmo das mercadorias, passa a ser medido quantitativamente. Para Coraggio (2003) o mercado capitalista subordina a satisfação das necessidades à acumulação. As empresas, por exemplo, produzem e vendem bens para acumular capital, não para obter os meios de consumo desejados. Esse sistema exige que haja compradores de meios de consumo pessoais, os quais portam dinheiro, o equivalente geral acumulável. O mercado que realiza a

troca de mercadorias por dinheiro sobressai como instituição generalizada pelo capital em que as necessidades da sociedade são vinculadas ao arranjo de acumulação e produção.

A partir desse contexto, o autor supracitado explica: as tentativas de retomar às trocas que (como apontado anteriormente) surgem em períodos nos quais o dinheiro deixa de ser aceito como equivalente geral e apenas as trocas diretas garantem o acesso aos bens, como observável, por exemplo, em situações de hiperinflação. Ou quando grandes segmentos da população permanecem fora do mercado capitalista por não possuírem renda monetária, embora esses sujeitos possuam recursos produtivos ou bens de consumo por meio do qual podem produzir e satisfazer às necessidades, não são eles competitivos no mercado capitalista (CORAGGIO, 2003). Aqui reside, potencialmente, a proposta anticapitalista dos sistemas de troca solidária. Como resultado tem-se alternativas realizadas, as quais,

de operaciones individuales y ocasionales de trueque se puede pasar a redes de personas o comunidades que se organizan para sistemáticamente intercambiar bienes y servicios para satisfacer sus necesidades recíprocas, constituyendo así verdaderos mercados “locales” donde se encuentran los poseedores de distintas mercancías que no requieren dinero para efectivizar el intercambio de sus trabajos o posesiones pues al desprenderse de su producto inmediatamente obtienen a cambio otro que consideran de valor equivalente. En tanto los oferentes son ellos mismos productores, surge la figura del “prosumidor” (CORAGGIO, 2003, p. 262).

Foi preciso recuar para avançar. Desde sua origem, nos clubes de troca, busca-se atender às necessidades de seus participantes, os quais foram postos aquém da forma de operação do capital. O foco é a manutenção da vida, na contramão do capitalismo, a solidariedade é prevacente em relação à acumulação. O valor de uso ganha força no polo em relação ao valor enquanto forma de acumulação. A forma-preço que norteia as trocas na sociedade em que o equivalente geral é o dinheiro (CARCANHOLO, 2011) distingue-se do que ocorre no sistema de trocas solidária ao passo que, quando estes utilizam o equivalente monetário, as moedas sociais empregadas discrepam e combatem ao monopólio do dinheiro.

A moeda social, que não estabelece qualquer vínculo ou lastro obrigatório com a moeda nacional, é um meio de troca alternativo (ou complementar) que gera melhores condições de vida aos aderentes e, expressivamente, pleiteia reinventar a economia pautando a responsabilidade e participação de forma integrada; busca-se trazer à tona as relações de poder mercantis e reprimir o individualismo (SOARES, 2009). Nas trocas solidárias, os segmentos antes apartados do consumo justamente por não serem possuidores do dinheiro são incluídos, e ainda, há uma nova mediação das trocas, agora democrática e engajada. Tudo isso através do balizamento segundo a moeda social.

A fórmula geral do capital D-M-D' (MARX, 2012), fértil em solo monopolizado das trocas pelo dinheiro, torna-se improdutiva nas trocas solidárias que se dão em favor dos antes despossuídos. Mas não apenas, pelas novas relações de trabalho associativo, em certa medida, a extração de mais-valia pelo capital – fundamental ao capitalismo – é também confrontada. Em sua conformação mercantil, a produção, como já demonstrado, deixou de ser para o consumo pessoal para se voltar-se à troca,

os produtos passam necessariamente de umas para outras mãos. O produtor separe-se de seu produto na troca. [...] Logo que o dinheiro e com ele o comerciante, intervém como intermédio entre os produtores, complica-se o sistema de troca e torna-se ainda mais incerto o destino final dos produtos. [...] Os produtores já deixaram de ser os senhores da produção total das condições da própria vida, e tampouco os comerciantes chegam a sê-lo (ENGELS, 2016, p. 2014-2015).

O valor de uso como polo pleiteado em prejuízo do valor de trocas abala a expressão do valor, vai à contramão da desmaterialização progressiva da riqueza capitalista no capitalismo atual. Nos clubes que não empregam equivalente monetário é ainda mais claro esse processo, operar as trocas sem dinheiro é um exercício que pode impulsionar a transgressão. Remover o dinheiro traz à luz da percepção do indivíduo o fato de que no valor reside tanto da matéria da mercadoria, de sua forma corpórea, quanto queira a voracidade do sistema capitalista de produção. Isto é, basicamente não há.

O Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG busca realizar essa provocação à disputa de valores, a transformação de valores de uso em trocas financeiras, em formas de obtenção de lucro pelo capitalismo é posta às avessas. As trocas buscam ser balizadas pela necessidade e/ou utilidade – destituídas da lógica burguesa desses conceitos. De fato, é um desafio superar a precificação das trocas, mas o clube se propõe a fazê-lo. Além disso, há a importância da categoria imaterial, afetiva e de serviços. Trata-se de um exercício limitado, inserido no sistema de produção capitalista e dele dependente, mas aqui reside a importância: trata-se de um exercício.

O dinheiro em meio aos sistemas alternativos de troca solidária já foi impugnado, agora pretende-se o mesmo em relação ao distanciamento da produção para consumo e para troca, e, conseqüentemente, desvelar sob a solidariedade os papéis distintos de produtor e consumidor. Simplificadamente, a oposição entre os detentores dos meios de produção e os da força de trabalho, que se vêm obrigados a vendê-la, relação por meio da qual se extrai mais valor (MARX, 2012) atrofia, de certa maneira, nos clubes de troca já que na elaboração de Marx (2012) não existe troca sem o valor de troca e o valor de uso. Os prossumidores, ao

produzirem e oferecerem bens e serviços, ao passo que também os demandam no mesmo espaço de troca, associa a produção para satisfação das necessidades pessoais e para eventual troca. A figura do prossumidor permite além disso, em certa medida, o conhecimento do trabalho concreto.

O valor se aproxima do valor de uso justamente por isso, o caráter útil dos trabalhos não desaparece todo se reduzindo ao trabalho humano abstrato. Busca-se a superação da dicotomia entre produtor e consumidor, nem há, em determinados casos, o dinheiro como equivalente geral de trabalhos, todos reduzíveis a ele, e não há no clube de troca, por conseguinte, a alucinação valor que se desprende totalmente da qualidade dos bens ou serviços para se abrigar apenas à quantidade, a qual pleiteia a acumulação.

O Clube de Trocas realizado pela ITCP/UNIFAL-MG seria aprimorado sob a orientação das experiências históricas que reúnem prossumidores, o que ocorre não na totalidade dos participantes. Alguns produzem objetos, outros serviços e demais saberes, mas nem todos o fazem. Caso assim ocorresse, o processo de fetichização das mercadorias, de disfunção dos seus valores seria combatido com mais êxito. Posto que se trata de uma prática adaptada segundo as grandes referências históricas e concretas, se busca desvelar as relações de produção. Apreciar criticamente as relações de produção é o esforço no sentido de um trabalho de base do Clube. É fundamental reunir aqueles que produzem e consomem para o exercício de compreenderem que produzem mais valor e que deles depende a superação da exploração.

Os clubes de troca, ao buscarem combater a transformação do que pleiteava satisfazer às necessidades em mera relação entre mercadorias, em processos de trocas que não buscam encobrir, mas sim revelar as características sociais do trabalho humano pondo à luz das trocas as relações materiais, afrontam também a fetichização das mercadorias. Rememora-se, o que anteriormente foi entendido como desmaterialização progressiva da riqueza capitalista esbarra nas trocas solidárias uma vez que elas desvelam o conteúdo material das mercadorias e não as deixam omitidas apenas pela dimensão social do valor.

O capital, suprassumo do fetiche, nos sistemas capitalista é imperante: “[...] ele gera, por si mesmo, mais riqueza, lucro, mais capital. O capital é nosso fetiche-deus-fantasma todopoderoso.” (CARCANHOLO, 2011, p. 90). Contra tal deus, o estandarte das experiências solidárias de trocas é mais combatente ateísmo. O valor de uso, a referência crítica ao trabalho

abstrato, qualitativo, dando espaço ao trabalho concreto, compõe essa descrença. Explana-se, os produtos que possuem processo de produção, de trabalho concreto, trabalho morto e trabalho vivo semelhantes, que possuem utilidades aproximadas, são encontrados nos mercados segundo valores distintos. A grosso modo, um exemplo é a forma com que os produtos são marcas diferentes, detentoras de diferentes *status*. Os produtos compõem a exploração não apenas em sua produção, seu consumo é também exploração pelo capital.

Os clubes de trocas, ao elegerem os valores de uso como orientação de suas trocas, ao elevarem a solidariedade à mecânica de operação, desfetichizam as relações de consumo, tanto no nível individual, subjetivo, quanto em níveis mais abrangentes. A utilidade – ainda que soe repetitivo – tem importante função, a reflexão sobre o trabalho qualitativo. Igualmente a remoção do dinheiro, como ocorre no Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG, rompe com importante entrave, o dinheiro é o maior fetiche, é dele o poder de conseguir adquirir qualquer outra matéria fetichizada, ele é passaporte para a alimentação dos demais fetichismos.

A validade do que se está em favor merece destaque. É preciso se desfetichizar porque, o fetiche é elementar à preservação da ordem capitalista, estabelece-se uma crença naturalizada e imperante de que é impossível transformar a sociedade. As relações dos homens são submetidas a um objeto externo, ao dinheiro, o homem passa a cultuar o dinheiro como se dele fosse propriedade. A alienação, incluindo o trabalho alienado, é, portanto, correspondente ao fetiche, o fetiche-capital (CARCANHOLO, 2011). Ao desfetichizar o consumo, as experiências solidárias de trocas modificam justamente essa forma elementar à preservação da ordem capitalista, o norte é justamente a desnaturalização do capital e de seus sistemas, o enfrentamento é em desfavor do fetiche-capital.

Ao término da presente seção é possível retomar ao seu título, quando nos primeiros capítulos de sua teoria, Marx (2012) examina o capitalismo e produção de mercadorias para trocas segundo a linguagem da precificação, fica exposta a contradição da forma elementar da riqueza no capitalismo. Contra essa contradição em que o valor de uso se reduz quase todo ao de troca, em que o valor se manifesta pelo valor de troca, contra a distinção entre produtores e consumidores, e ainda, contra o fetiche da mercadoria, são organizadas alternativas conforme possibilidades solidárias. O clube de trocas como fagulha para a labareda socialista pretende-se uma fagulha. A sistemática para a transição ou para a ruptura socialista situa-se além deste escopo, pertinente são as apreciações à conformação capitalista atual pela tríade valor-

equivalente-fetiche que os clubes de trocas se propõem a reexaminar. Marxismo e as trocas solidárias podem ser aproximados, trata-se, mutuamente, de evidenciar a essência leviana do capitalismo e se atentar contra, providenciar questionamentos que, ainda embrionários, podem ser aliados a implodir a ordem do capital.

6. Considerações finais

Este estudo empenhou-se a investigar as potências e os limites das experiências solidárias de trocas, a exemplo do Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG, enquanto espaço para experimentação e crítica que se propõem a atentar contra os moldes sobre os quais o capital ordena seu sistema de produção e consumo. Trata-se de uma análise exploratória segundo fontes bibliográficas, mas não só, é também um exercício de investigação Marxista, concreta/material. E que, por sê-lo, leva em consideração as características do sistema social global ao qual se está inserido, sua estrutura econômica, política, social e cultural. Do mesmo modo em que exige a investigação dos tipos históricos antecedentes que culminam no quadro em que se desenvolve a sociedade.

A operação e os efeitos do capitalismo foram pormenorizados conforme um triplo recorte Marxista: o valor; a equivalência geral (o dinheiro); e o fetiche. O valor de troca passa a existir em prejuízo do valor de uso durante o procedimento de mercantilização das trocas, a utilidade deixa de ser a essência, diferentes valores de uso se trocam e valor de troca passa a expressar o valor. Nessa conformação, o valor é medido pelo tempo de trabalho socialmente necessário, o trabalho concreto, que gera valor de uso, é transmutado na linguagem mercantil de valor e equivalência, torna-se trabalho abstrato, qualitativo.

Pelo dinheiro, a equivalência geral permeia-se, todas as mercadorias são trocadas por dinheiro, não há espaço para as trocas diretas, o valor monetário iguala diferentes trabalhos. Ter dinheiro é a condição necessária para consumir, apartando assim seguimentos de despossuídos. Por fim, enquanto ao fetiche, há nele certo devaneio— com efeitos concretos. Por meio do trabalho humano os valores são igualados, como trabalho humano, o valor transforma assim em enigmático, o poder adquirido pela mercadoria de se trocar por outras de acordo com seu valor passar a existir como provenientes da própria natureza de coisas, as pessoas tornam-se submissas as coisas, não o contrário, institui-se um delírio generalizado de acumulação como passaporte para o pertencimento, para a sociedade de consumidores.

Os Clubes de Trocas são, na perspectiva pesquisada, canais para o desenvolvimento de uma perspectiva engajada, de embate em desfavor à maciça conformação capitalista à proporção que incorporam críticas ao que nos valem como o valor, equivalência geral e fetiche. A análise realizada se insere, concretamente em uma sociedade firmada no capitalismo, estruturada por seus sistemas e produto de suas transições históricas. O presente estudo, enquanto intento de crítica, só faz sentido uma vez que está colado à realidade. Quanto à crítica, o Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG, útil para o entendimento, vai à contramão da inversão dos valores de uso em valores de troca, sustenta o caráter útil das trocas não suas proporções mercantilizadas. As trocas solidárias retiram do dinheiro o poder de equivalente geral, a equiparação de variados trabalhos concretos em um único critério, o trabalho abstrato. No Clube de Trocas, a busca é que o valor destaque o polo valor de uso, e que o trabalho é trabalho útil, concreto seja considerado. Isso se torna mais significativo quanto, em determinadas ocasiões, é possível reunir prossumidores, encurtando as distâncias entre produtores e consumidores. O devaneio do fetiche não escapa à abordagem crítica, as relações pessoais, as necessidades dos participantes do clube são apreciadas coletivamente, nessa direção há um consumo em que os bens e serviços estão submetidos às necessidades, não as necessidades a eles. No Clube, se distanciar do entorpecimento do fetiche-deus que é o dinheiro traz à tona o que sob o capitalismo está velado, o consumo sendo as necessidades, as utilidades relacionadas às propriedades dos bens e serviços. O poder de determinada troca de se realizar em relação a outras irrestritamente pelo dinheiro enfrenta também um ponto de cisão quanto as utilidades são valorizadas em prejuízo do dinheiro, não se estabelece, portanto, um veículo irrestrito de troca, o qual se busca acumular.

Este estudo procura abrir espaço para investigações futuras, os resultados são limitados, estruturam um ensaio que é restrito justamente por indicar discussões e averiguações que são mais amplas do que este escopo pode dar conta de abranger. Ainda assim, é dotado de valor e pertinência já que investiga a forma com que o exercício dos Clubes de Trocas, em meio aos quais se insere o Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG, é voltado a atentar contra as categorias fundamentais e as contradições do capitalismo, e é crucial por estruturar espaços que se voltam à classe explorada. É fato que, fundamentalmente, as trocas solidárias são os primeiros passos em uma longa trajetória de crítica ao capitalismo, que precisam confrontar a exploração da força de trabalho pelo capital, mas seu preciosismo está em demonstrar o caminho por onde começar a engatinhar, em muito desconhecido em meio às corridas e aos desfiles que realiza o sistema de capital.

6. Referências Bibliográficas

ARKEL, H. et al. **Onde está o dinheiro**. Pistas para a construção do movimento monetário Mosaico. Porto Alegre: Dacasa, 2002.

BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista**. Zahar, 1988.

CARCANHOLO, R. **Capital: essência e aparência**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

CARNEIRO, G.; BEZ, A. C. **Clubes de troca: rompendo o silêncio, construindo outra história**. Curitiba: CEFURIA, 2011.

CORAGGIO, J. L. *Las redes de trueque como institución de la economía popular*. In: HINTZE, S. et al. *Trueque y economía solidaria*. Buenos Aires: Prometeo, 2003.

CRUZ, A. **A diferença da igualdade: a dinâmica da economia solidária em quatro cidades do Mercosul**. 2006. 343 f. Tese (Doutorado), Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2006.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

ENGELS, F. **Do socialismo utópico ao científico**. São Paulo: Global, 1984.

FRANÇA FILHO, G. C. A problemática da economia solidária: uma perspectiva internacional. **Sociedade e Estado**, v. 16, n. 1-2, p. 245-275, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922001000100011&script=sci_arttext>.

Acesso: 11 nov. 2019.

GAIGER, L. I. Antecedentes e expressões atuais da economia solidária. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [S. v.], n. 84, p. 81-99, 2009. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/rccs/401>>. Acesso: 10 set. 2019.

GALVÃO, A. Marxismo e movimentos sociais. **Crítica marxista**, v. 32, [S. n.], p. 107-126, 2011. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo235merged_documento_245.pdf. Acesso: 30 ago. 2019.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GUERRA, A. C. **Gestão de incubadoras tecnológicas de cooperativas populares: Uma análise comparativa**. 2008. 108 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Departamento de Administração e Economia, Universidade Federal de Lavras, Lavras.

HINTZE, S.; SABATÉ, A. M. F.; CORAGGIO, J. L. *Documento base de la Jornada Nacional sobre Trueque y Economía Solidaria*. in: HINTZE, S. et al. **Trueque y economía solidaria**. Buenos Aires: Prometeo, 2003.

KONDER, L. **Marx: vida e obra**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LAVIILLE, J.-L.; GAIGER, L. I. Economia Solidária. In: CATTANI, A. D.; LAVIILLE, J.-L.; GAIGER, L. I.; HESPANHA, P. (coord.) **Dicionário internacional da outra economia**. Coimbra: Almedina, 2009.

LENIN, V. Sobre a Cooperação. In: **Lenin: obras escolhidas**, volume 3. São Paulo: AlfaÔmega, 1980.

MARTINS, M. J.; ROSA, K. L.; PINHEIRO, C. R. F. Clube de Trocas ITCP/UNIFAL-MG: ressignificação do consumo via ação extensionista. In: II Congresso de Pesquisadores de Economia Solidária. Anais... São Carlos, 2018. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjovamcmJbmAhV1JrkGHZnDA1oQFjAAegQIBBAC&url=http%3A%2F%2Fwww.conpes.ufscar.br%2Fwp-content%2Fuploads%2Ftrabalhos%2Ficonpes%2Fgt09%2F2%2Fmartins_mariana_rosa_kaiopinheiro_camila.pdf&usg=AOvVaw1XWBaOxQVACNRKEY9BuVvc Acesso: 17 set. 2019.

MARX, K. **Crítica do Programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **O capital: crítica da economia política: Livro I**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

_____. **Salário, preço e lucro**. São Paulo: EDIPRO, 2004.

MAZZETTO, T. S. C. et al. A economia solidária na perspectiva do desenvolvimento local. In: BORINELLI, B. (org.) **Economia solidária em Londrina: aspectos conceituais e experiência institucional**. Londrina: UEL, 2010.

PINHEIRO, C. R. F. et al. Clube de Trocas ITCP/UNIFAL-MG: Uma Análise Quanto a Percepção do Valor de Produto. In: II CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS. **Anais...** Uberlândia, 2014. Disponível em: <https://www.dropbox.com/sh/o4bgljds32bqlwf/AABvFKO4OclIXc5Lnp-17Op_a/GT7?dl=0&preview=1716GT7.pdf&subfolder_nav_tracking=1>. Acesso: 30 ago. 2019.

PITAGUARI, S. O.; CÂMARA, M. R. G. As Motivações e Desafios para a Consolidação da Economia Solidária. In: BORINELLI, B. (org.) **Economia solidária em Londrina: aspectos conceituais e experiência institucional**. Londrina: UEL, 2010.

ROSA, K. L. S.; JUVENTINO, L. E.; TOLEDO, D. A. C.; GUERRA, A. C. O clube de trocas da ITCP/UNIFAL-MG e a extensão universitária: aproximações e desdobramentos. **Sodebras**. v. 14, n. 157, p.5-112, jan. 2019. Disponível em: <<http://www.sodebras.com.br/edicoes/N157.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

SAES, D. A. M. A orientação materialista na pesquisa da Pós-Graduação em ciências humanas e história: uma proposta de orientação com partido. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, 2019, v. 11, n. 2, p.59-70, abr. 2019. Disponível em:

<<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/33468>>. Acesso:20 nov. 2019.

SILVA, F. C. O Fetichismo Marxiano. **Theoria-Revista Eletrônica de Filosofia Faculdade Católica de Pouso Alegre**, v. 5, n. 14, p. 97-128, 2013. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=11&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj5eqwvpPmAhXUGLkGHeGbDj4QFjAKegQIBRAC&url=http%3A%2F%2Fwww.theoria.com.br%2Feducacao%2Ffo_fetichismo_marxiano.pdf&usg=AOvVaw3nSo8XTqG5kYVQXn-N_WZT>Acesso:30 ago. 2019.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOARES, C. L. B. Moeda Social. In: CATTANI, A. D.; LAVILLE, J.-L.; GAIGER, L. I.; HESPANHA, P. (coord.) **Dicionário internacional da outra economia**. Coimbra: Almedina, 2009.

STALLYBRASS, P. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.